

# UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos  
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes  
Janara Sousa  
Ruth Reis  
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



FAC  
LIVROS

# Um grito no ar

*Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais*

---

## **Organizadoras**

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

**Foto Capa** Daniel Castellano (Gazeta do Povo)  
**Agradecimentos** Ângela Alves Machado  
**Diagramação** LaPCom  
**Apoio** Lizely Borges



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,  
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac@unb.br

**DIRETOR**  
Fernando Oliveira Paulino

**VICE-DIRETORA**  
Liziane Guazina

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e  
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard  
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC).

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo  
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng  
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

**SECRETARIA EDITORIAL**

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica

---

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /  
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.  
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

---

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>ALEXANDRE MARCELO BUENO.....</b>	<b>9</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
<b>ANA JÚLIA RIBEIRO .....</b>	<b>26</b>
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
<b>ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE .....</b>	<b>30</b>
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
<b>BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE .....</b>	<b>34</b>
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
<b>BRUNELA VINCENZI.....</b>	<b>47</b>
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
<b>CARLA CERQUEIRA.....</b>	<b>52</b>
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
<b>CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO .....</b>	<b>59</b>
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
<b>CICILIA M.KROHLING PERUZZO .....</b>	<b>65</b>
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
<b>CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI .....</b>	<b>71</b>
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
<b>DÁRIO BOSSI.....</b>	<b>76</b>
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
<b>DEOLINDA CARRIZO .....</b>	<b>90</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
<b>EDNA CALABREZ MARTINS.....</b>	<b>94</b>
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
<b>ERIKA CAMPELO.....</b>	<b>108</b>
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
<b>FRANCESCA GARGALLO.....</b>	<b>119</b>
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
<b>FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN .....</b>	<b>134</b>

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
<b>GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO</b> .....	<b>142</b>
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<b>JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA</b> .....	<b>150</b>
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
<b>JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ</b> .....	<b>157</b>
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
<b>KEILA SIMPSON</b> .....	<b>166</b>
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
<b>LAM MATOS</b> .....	<b>173</b>
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
<b>LYDIA ALPIZAR</b> .....	<b>179</b>
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
<b>MÁRCIO ZONTA</b> .....	<b>193</b>
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
<b>MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA</b> .....	<b>197</b>
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
<b>MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA</b> .....	<b>206</b>
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
<b>MARIA LUCIA LOPES DA SILVA</b> .....	<b>217</b>
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
<b>MARINA POGGI</b> .....	<b>232</b>
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
<b>MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO</b> .....	<b>242</b>
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
<b>MÔNICA CUNHA</b> .....	<b>259</b>
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
<b>OMAR CERRILLO GARNICA</b> .....	<b>265</b>
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
<b>PRISCILA GAMA</b> .....	<b>272</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
<b>RAFAEL FORTES</b> .....	<b>277</b>

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
<b>RENATO JANINE RIBEIRO</b> .....	<b>288</b>
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
<b>ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA</b> .....	<b>298</b>
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
<b>ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA</b> .....	<b>305</b>
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
<b>TÂNIA CRISTINA CRUZ</b> .....	<b>311</b>
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
<b>TÂNIA MARIA SILVEIRA</b> .....	<b>316</b>
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
<b>THIAGO APARECIDO TRINDADE</b> .....	<b>325</b>
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
<b>VAGNER FREITAS</b> .....	<b>337</b>
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
<b>A CAPA</b> .....	<b>342</b>
<b>AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>343</b>

*“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,*

*PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)*

---

*“Os movimentos sociais que representam o segmento de homens trans e transmasculinos/não-binários (...) também trabalha no sentido de mostrar quem realmente são essas pessoas e desmistificar o ser homem trans e transmasculino/não-binário”*

---

**LAM MATOS**

## Pressa de viver de forma digna

*Fernanda Martinelli<sup>1</sup>  
Bernardo Mota<sup>2</sup>  
Taya Carneiro<sup>3</sup>*

*Lam Matos tem 34 anos, nasceu em Brasília, atualmente é morador de São Paulo, coordenador Nacional do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT-, e membro do Comitê Técnico de Saúde Integral LGBT do Ministério da Saúde. Dos vários seminários, conferências, congressos e encontros, destaca-se a participação nas Conferências Nacionais LGBT, de Saúde e de Direitos Humanos, representando os homens trans e pessoas transmasculinas. Lam Matos*

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Comunicação da UnB (Universidade de Brasília), doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ (2011) e mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição (2006). É integrante do grupo de pesquisa Cultura, Mídia e Política, pesquisadora associada à CIEC (Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos / UFRJ / CNPq) e ao NEMP (Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política / UnB) e membro da International Association for Media and Communication Research (IAMCR). Atualmente coordena pesquisa sobre discriminação de pessoas trans no acesso à renda e ao mercado de trabalho. E-mail: nandamartineli@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduando em Serviço Social pela Universidade de Brasília (UnB). É ativista LGBT, com foco em questões Trans, Transmasculinidades e de Homens Trans no Brasil, e Coordenador Nacional do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades. Atualmente participa de pesquisa sobre discriminação de pessoas trans no acesso à renda e ao mercado de trabalho. E-mail: obernardomota@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPGFAC/UnB) e graduada em Comunicação Organizacional pela mesma instituição (2016). Pesquisadora nos grupos de pesquisa Cultura, Mídia e Política e GEPCOR (Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Organizacional) vinculados ao CNPq, e membra efetiva da Comissão Gestora Pró-LGBT da UnB. Atualmente pesquisa moda e identidade de gênero, e discriminação no acesso à renda e ao mercado de trabalho. E-mail: carneiro.queiroz@yahoo.com.br



*participou do encontro com a Presidenta Dilma Rousseff e mais seis representantes do movimento de travestis e transexuais, para a assinatura do Decreto 8.727 de 28 de Abril de 2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Sua história na militância é marcada pela luta contra a transfobia e os diversos tipos de violências físicas e simbólicas que atingem a população trans no país. Em sua trajetória trabalhou arduamente pelo direito ao nome social, pela educação inclusiva em que a escola seja um espaço mais preparado para receber pessoas trans, e pelo direito de acesso à saúde pública.*

*Qual a sua percepção sobre o papel dos movimentos sociais na atualidade? E dos movimentos sociais que atuam especificamente na luta pelos direitos das pessoas trans, e em particular dos homens trans e transmasculinos? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.*

Os movimentos sociais hoje têm uma importância imensa, e de grande peso e valor. São eles que levam ao poder público as demandas principais da comunidade, são fiscalizadores das políticas públicas e acionam a população quando o embate deve ser mais incisivo. Os movimentos sociais também são responsáveis por ajudar a informar a comunidade sobre seus direitos e deveres e a empoderar essa comunidade para que seja autônoma e saiba reivindicar direitos pessoais e coletivos de maneira mais eficaz.

Os movimentos sociais que representam o segmento de homens trans e transmasculinos/não-binários, para além da visibilidade desse segmento, a luta pelos direitos não garantidos, qualidade de vida, direito de ser e segurança no ir, vir e existir, também trabalha no sentido de mostrar quem realmente são essas pessoas e desmistificar o ser homem trans e transmasculino/não-binário, resignificando os corpos, reconfigurando o saber sobre os corpos, lutando contra o machismo, a heteronormatividade, a cisgeneridade imposta, a sociedade patriarcal falocentrista, fortalecendo o transfeminismo, empoderando esse segmento e fomentando os debates sobre saúde, segurança, educação, empregabilidade e outros espaços para o livre acesso dessas pessoas aos direitos de forma equânime.

Um exemplo que podemos citar sobre os avanços conquistados foi o decreto sobre o nome social, nº8727, assinado em 28 de abril de 2016 pela então presidente Dilma, durante reunião com sete representantes dos movimentos de travestis, mulheres transexuais e homens trans, no Palácio do Planalto em Brasília, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de travestis, mulheres transexuais e homens trans no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Outra conquista mais recente é a decisão do STJ de que pessoas transexuais possam retificar seus registros mesmo sem cirurgia. A decisão do STJ não

obriga outros tribunais a decidirem da mesma maneira, mas servirá de referência para novos casos em instâncias inferiores. Saber o que o Supremo Tribunal de Justiça reconhece nosso trabalho já é um sinal de que todo o trabalho do movimento social de travestis e transexuais não tem sido em vão.

*Como você avalia os enquadramentos sobre as pessoas trans em produtos de entretenimento na mídia brasileira – em novelas, cinema, programas de auditório? E como são os enquadramentos sobre as pessoas trans e os movimentos sociais pelos direitos das pessoas trans nos veículos de imprensa?*

A recente explosão das questões ligadas às identidades de gênero, transexualidades e travestilidades deve ser vista e usada com cautela. Deve ser acompanhado de perto pelo movimento social e utilizada com sabedoria para que possamos impulsionar ainda mais esse debate para que se elimine ou pelo menos diminua o preconceito e melhore as condições de vida dessa parte da população. Existe uma parte dessa mídia, grande parte dela na verdade, que nos usa com sensacionalismo, oportunismo e até chacota. Os homens trans atualmente são tema de novela, mesmo sendo muito superficial a maneira como tem sido abordado o assunto. Ao mesmo tempo, temos que entender que é o caminho "mais fácil" para inserirmos esse debate no meio da grande massa, não sei de que maneira conseguiríamos falar de transmasculinidades se não usarmos o texto curto e grosso de "mulher "virando" homem", cheio de aspas dentro de aspas, para aí sim, debulharmos o assunto entre nossas comunidades e meios sociais em que cada um se encontra. Temos que dar um passo de cada vez, mesmo sabendo de todos os problemas que enfrentamos e da pressa que temos em viver de forma digna. Temos que ter paciência com a sociedade no que diz respeito em nos explicar e fazê-la entender que essa não é formada apenas pelo binarismo vagina=mulher e pênis=homem. O que não podemos aceitar de maneira nenhuma é a chacota e a jocosidade que a maioria dos programas de auditório fazem com a nossa população. Um grupo de pessoas que vive em situação de violência e risco não pode jamais ser motivo de piada e tratamentos desrespeitosos.

Como somos colocados nos veículos de imprensa é outra coisa a ser trabalhada. Existe sempre um desrespeito quando se refere às travestis. Ainda hoje vemos matérias tratando não só as travestis, mas também as mulheres transexuais, no masculino e negando a identidade feminina dessas pessoas. Quanto aos homens trans, sempre nos referenciam no feminino ou como lésbicas. Isso só faz com que a sociedade continue nos tratando com desrespeito e não reconhecendo nossas identidades de gênero. Outro fato que temos que observar é o tipo de assunto que nos envolve. Na maioria das vezes, travestis, mulheres transexuais e homens trans são motivo de matéria quando vítimas de violência, morte e/ou outro fato como assalto, agressão ou outro crime. Muito raramente somos notícia de orgulho ou conquista, e quando somos não dura muito tempo. Cito aqui um canal de notícias em que somos assunto único e principal, o site

de Neto Lucon, jornalista homem, cisgênero e gay que insiste em nos dar espaço nas notícias e que de tabela sofre os efeitos da transfobia quando seu portal tem assunto 100% voltado para e sobre a população transexual e travesti, e isso o impede de conseguir um emprego.

*Você identifica diferenças nas abordagens sobre os movimentos sociais na imprensa em função da causa a que se associam? Identifica diferenças de abordagens com relação a um mesmo movimento social entre os diferentes veículos? Cite exemplos.*

Com certeza, as abordagens são diferentes a partir do momento que as demandas são diferentes, mas não só por isso, tratam diferente de acordo com suas vulnerabilidades, e isso pode reforçar os estereótipos impostos pela sociedade. E a diferença diante dos canais de comunicação sobre o mesmo segmento acontece, os veículos de comunicação tem o "poder" de mudar todo o sentido de uma frase, por exemplo, e quando isso acontece, as informações podem se tornar contraditórias e não levar o conteúdo ideal à sociedade.

*Você acredita que, de alguma forma, a imprensa brasileira contribui para a construção de imagens estereotipadas dos movimentos sociais? Como é isso especificamente em relação aos movimentos sociais pelos direitos das pessoas trans, em particular dos homens trans e transmasculinos? Cite exemplos.*

Sem a menor dúvida a imprensa contribui para essa imagem estereotipada. Ela manipula as informações para mostrar aquilo que acha que as pessoas devem saber. Primeiro fazem com que o movimento social pareça um movimento de melindres e "mimimi" e não um movimento/coletivo em busca de melhores condições para a população, ou faz com que pensem que queremos "enfiar goela a baixo" ideologias ou acabar com a sociedade "tradicional". Uma coisa que fazem é sempre reforçar que somos doentes, que nascemos no "corpo errado", dizer que somos homens no corpo de mulheres, onde na verdade vivemos nossas identidades de uma forma muito mais intensa, mesmo que o corpo nos cause desconforto, não somos ou estamos errados, não carregamos nem temos culpa nenhuma de nada que acontece. Mas infelizmente a imprensa reforça esses estereótipos.

*Você identifica alguma diferença da cobertura dos movimentos sociais entre a imprensa brasileira e a internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os movimentos sociais.*

Com certeza existe uma diferença enorme. Toda matéria que vejo vinda de fora, trata as pessoas transexuais de forma educada e respeitosa, mostrando que essas pessoas estão reivindicando um direito que é negado a elas, ou uma conquista, enfim, pode ser que para eles, lá no exterior, não sejam matérias tão boas, mas com certeza são melhores que as daqui do Brasil. Um exemplo disso foi quando a Dinamarca não mais classificou a transexualidade como doença mental. Lá as matérias só mostravam os benefícios dessa decisão, como a melhora na procura de mercado de trabalho e a espera pela cirurgia de redesignação sexual. Já no Brasil se falou em poucas linhas sobre o avanço e se deu destaque às opiniões de "especialistas" que achavam delicado esse tipo de decisão a partir do pressuposto de que pessoas com transtorno de personalidade *borderline* podem ficar confusas a ponto de quererem fazer uma cirurgia de redesignação, defendendo que o diagnóstico é importante. Importante mesmo é que os médicos, psicólogos e psiquiatras saibam que mais importante do que um "diagnóstico", é acompanhar e ajudar a pessoa em seus conflitos e dúvidas, e não determinar se a pessoa é ou não transexual com um diagnóstico.

*Qual a importância da imprensa para os movimentos sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para dialogar diretamente com a sociedade? Como é isso especificamente em relação ao Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) onde você atua? Cite exemplos.*

A imprensa tem um papel importante para os movimentos sociais quando ela se torna o meio mais eficaz de levar notícias, debates, informação e afins à sociedade, de uma maneira mais rápida e de amplo alcance. A imprensa consegue chegar onde os movimentos sociais geralmente não chegam. As estratégias podem ser bem simples: um diálogo sincero e a veracidade no repasse das informações já é uma grande estratégia, e também tratar os movimentos sociais e suas demandas com respeito e buscando sempre a transparência.

A grande falha da imprensa é sempre distorcer a verdade ou fornecer a informação pela metade. O IBRAT, sempre que chamado para alguma participação pela imprensa, tenta não dar brecha para a manipulação dos depoimentos e distorção do assunto. Infelizmente tem sido assim. A imprensa, no geral, quando não sabe do assunto a ser falado, principalmente quando o assunto é a transexualidade masculina, sempre vem com as mesmas perguntas fúteis e tolas sobre homens trans. Não estou dizendo que todas as pessoas devem saber de tudo, mas quando tratamos de imprensa, pensamos que pelo menos o mínimo de pesquisa tenha sido feita para abordar o assunto.

## *Considerações finais*

Acredito que tudo o que foi falado aqui tenha sido de grande importância, que informar ainda é uma grande ferramenta contra o preconceito, mas infelizmente não conseguimos fazer isso da maneira que gostaríamos. A imprensa e todo meio de comunicação leva mais inverdades do que verdades. Com isso a informação acaba se tornando fútil e sem valor e fazendo na maioria das vezes um desserviço para a sociedade e aumentando o trabalho dos movimentos sociais. Espero que um dia toda essa tecnologia, no que diz respeito à mídia, possa ser usada de forma melhor, não só em prol dos movimentos sociais, mas a favor da sociedade. Fico grandemente agradecido por contribuir de alguma forma com esse trabalho e espero que os resultados sejam os melhores possíveis.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

**PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)**



Universidade de Brasília

